



EXPRESSO/ATUAL – 29 de Março de 2013

A ÚLTIMA VEZ QUE VI MACAU **de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata**

João Rui Guerra da Mata viveu, de facto, parte da sua infância em Macau – e essa é uma das razões que o levaram (com João Pedro Rodrigues) de volta ao território. Mas o que os cineastas lá viram não se resume à materialidade dos lugares ou ao sopro das memórias. Eles sentiram emanções ficcionais, mistérios, incógnitas, sussurros ou estrondos, melodias, fumos, dragões e fogos de artifício e até cheiros e coisas arrumadas em prateleiras laterais à vida (como o cinema). É de tudo isso que se faz “A Última Vez Que Vi Macau”, um filme sedutor que começa com uma cena espantosamente fascinante (a transsexual Cindy Scrash mima, em *playback* uma canção de Jane Russell no “Macao” de Sternberg, enquanto, atrás dela, vagueiam tigres, ameaçadores) onde uma artificialidade *kitsch* contamina definitivamente todas as imagens que veremos depois disso. Nenhuma hipótese de documentário sobra a partir de então, mas também não perdura qualquer probabilidade de apagamento da nossa consciência para sermos cúmplices plenos do fio de ficção que se enuncia. Candy telefona a Guerra da Mata a pedir auxílio para uma trama de máfias chinesas? Nem por um instante compramos a proposta. Mas ficamos firmes na terra de todas as conjecturas que o filme navega e que seguimos, como se fosse algo de fantástico, uma história das que se contam às crianças movida por uma alavanca muito simples: ‘era uma vez’ – e tudo vale a pena. Além do mais, os autores sopesam e manipulam os materiais cinematográficos com um rigor e um prazer que é bom compartilhar. Veja-se o trabalho sobre a banda sonora, prenhe de sentidos, um dos elementos da organização do espaço *off* que este filme usa como forna de onde tudo pode emergir.

Jorge Leitão Ramos

